

8. Referências Bibliográficas

ALLWRIGHT, D. Social and Pedagogic Pressures in the Language Classroom: The Role of Socialisation. In: Coleman, H. (ed): **Society and the Language Classroom**. Cambridge, Cambridge University Press, Chapter 10, p. 209-228, 1996.

_____. **Some Principles for Exploratory Practice**. 2000.
Disponível em: <<http://www.letras.puc-rio.br/unidades&nucleos/epcentre/readings/first%20principles%20oht.htm>>
Acesso em: 15 de outubro de 2011.

ALLWRIGHT, D.; BAILEY, K. **Focus on the Language Classroom: an Introduction to Classroom Research for Language Teachers**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

ALLWRIGHT, D.; J. HANKS. **The Developing Learner: An Introduction to Exploratory Practice**. Palgrave Macmillan, Basingstoke, UK, 2009.

ANTAKI, C.; DÍAZ, C. A análise da conversação e o estudo da interação social. In: IÑIGUEZ, L. (Orgs.). **Manual de análise do discurso em ciências sociais**. Cap. 4. Petrópolis, Ed. Vozes. 2004.

BAMBERG, M.; GEORGAKOPOULOU, A. **Small stories as a new perspective in narrative and identity analysis**. *Text & Talk*, 28(3), 2007, p. 377-396.

BAMBERGER, J. **The computer as Sandcastle**. Working Paper, Cambridge, 1983.

BARONE, T., EISNER, E.. Arts-based educational research. In GREEN, J., CAMILLI, G. & ELMORE, P. (Eds.), **Complementary methods in research in education**. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates., 2006, p. 95-109.

BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi; Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.

BERNSTEIN, B. **Escuela, mercado y nuevas identidades pedagógicas**. CIDE, Chile, Doc. N° 13, 1997.

_____. **Pedagogía, control simbólico e identidad: teoría, investigación y crítica**. Madrid: Morata, 1998.

BEHAR, R. Between Poetry and Anthropology: searching for languages of home. In: CAHNMANN-TAYLOR. M.; SIEGESMUND. R. (editors). **Arts-Based Research in Education: foundations for practice**. Nova York e Londres: 2008, p. 55-71.

BILLIG, M. "Whose terms? Whose ordinariness? Rhetoric and ideology in conversation analysis", **Discourse and Society**, 10, 1999, p.543-558.

CAHNMANN-TAYLOR. M. Arts-based research: histories and new directions. In: CAHNMANN-TAYLOR. M.; SIEGESMUND. R. (editors). **Arts-Based Research in Education: foundations for practice**. Nova York e Londres: 2008, p. 3-15.

CELANI, M.A. Afinal, o que é Linguística Aplicada? In: Paschoal, M.S.Z. & Celani, M.A. (Eds.) **Linguística Aplicada: Da aplicação da linguística à linguistic transdisciplinar**. São Paulo: EDUC, 1992, p. 15-23.

CERDERA, C. P. **A noção de entendimento na Prática Exploratória**: uma reflexão wittgensteiniana. Tese de Doutorado – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

DAVIES, B; HARRE, R. **Positioning**: The Discursive Production of Selves, 2007. Disponível em: <<http://www.massey.ac.nz/~alock/position/position.htm>> Acesso em: 03 de julho de 2013.

DREW, P. & HERITAGE, J. **Talk At Work: Interaction In Institutional Settings**. Cambridge, Cambridge University Press. 1992.

DE FINA, A; SCHIFFRIN, D; BAMBERG, M. **Dicourse and Identity**. Introdução. Cambridge, CUP, 2006.

DE FREITAS, M. **The wrong shoe**: Narrative footprints across the fictive landscape of self and school. Unpublished dissertation, Ontario Institute for Studies in Education of the University of Toronto, 2003.

DIAS, F. H.; MILLER, I.K. Mudanças de *footing*: o ‘eu’ de uma professora de língua inglesa: “aí dá pra entender como a gente não consegue trabalhar”. In: PEREIRA, M. G. D.; BASTOS, C. R. P.; PEREIRA, T. C. **Discursos socioculturais em interação**: interfaces entre a narrativa, a conversação e a argumentação: navegando nos contextos da escola, saúde, empresa, mídia, política e migração. Rio de Janeiro: Garamond, 2009, p. 365-392.

DUNLOP, R. **Boundary Bay**: A novel. Unpublished doctoral dissertation, University of British Columbia, Vancouver, 1999.

EDWARDS, D. Psicologia Discursiva: Teoria da Ligação e método com um exemplo. In: IÑIGUEZ, Lupicínio (coord.). **Manual de Análise de Discurso em Ciências Sociais**. São Paulo: Vozes, 2004. p. 181-205.

EISNER, E. Persistent tensions in arts-based research. In: CAHNMANN-TAYLOR. M.; SIEGESMUND. R. (editors). **Arts-Based Research in**

Education: foundations for practice. New York and London: 2008, p. 17-27.

FABRÍCIO, B. F. Lingüística Aplicada como espaço de desaprendizagem: redescritções em curso. In: MOITA-LOPES, L. P. (org.) **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar.** São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

FONTANA, A.; FREY, J. H. Interviewing: The art of science. In DENZIN, N. K.; LINCOLN Y. S. (Orgs.). **Handbook of qualitative research** . Thousand Oaks: Sage, 1994, p. 361-376.

GIEVE, S.; MILLER, I. K. Understanding the Language Classroom. Reino Unido: Palgrave/McMillan, 2006.

HARRÉ, R. **Positioning Theory**, 2004. Disponível em <www.massey.ac.nz/~alock/virtual/positioning.doc> Acesso em: 04 de Julho de 2013.

HILTZ, S. R. The Virtual Classroom: software for collaborative Learning. In: BARRET, E. (Ed.). **Sociomedia: Multimedia, Hypermedia, and the Social Construction of Knowledge.** Londres: The MIT Press, 1995.

JEFFERSON, Gail. Sequential aspects of storytelling in conversation. In J. Schenkein (Ed.) **Studies in the organization of conversational interaction.** Nova York: Academic Press: 1978, p. 219-248.

KEMMIS, S.; MCTAGGART, R. **The Action Research Planner**, Victoria: Deakin University, 1981.

KUSSEROW, A. Ethnographic poetry. In: CAHNMANN-TAYLOR. M.; SIEGESMUND. R. (editors). **Arts-Based Research in Education: foundations for practice.** Nova York e Londres: 2008, p. 72-78.

LOBOV, William. The transformation of experience in narrative syntax. In: **Language in the inner city**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LODER, Letícia L.; JUNG, N. M. (Orgs.). **Análises de fala-em-interação institucional**: a perspectiva da Análise da Conversa Etnometodológica. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

MARTINS, H. H. T. S.. **Metodologia Qualitativa de Pesquisa. Educação e Pesquisa** (USP), v. 30, p. 289-300, 2004. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n2/v30n2a07.pdf> > Acesso em: 03 de julho de 2013.

MILLER, I. K. **Researching Teacher Consultancy Via Exploratory Practice**: A Reflexive and Socio-Interactional Approach. Tese de Doutorado - Lancaster University, Lancaster, 2001.

MILLER, I.K. et al. **Atividades Pedagógicas com Potencial Exploratório**: Um caminho para o entendimento. In: IV CLAFPL - Congresso Latino-americano de Formação de Professores de Línguas, 2013, Brasília: INB, 2013.

MOITA LOPES, L.P. Pesquisa Interpretativista em Linguística Aplicada: a linguagem como condição e solução. **DELTA**, Vol 10, nº2, 1994, p. 329-338.

MOITA LOPES, L. P. Afinal, o que é Linguística Aplicada ? In: Moita Lopes, L.P. **Oficina de Linguística Aplicada**. Campinas: Mercado de Letras, 1996, p.17-26.

MOITA LOPES, L. P. **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

MOITA LOPES, L.P. A performance narrativa do jogador Ronaldo como um fenômeno sexual em um jornal carioca: multimodalidade, posicionamento e iconicidade. **Revista da ANPOLL**, v. 27, 2009, p. 129-160.

MOON, J. **Reflection in Learning and Professional Development**.

London: Kogan Page, 1999.

MORAES BEZERRA, I. C. R. **Com quantos fios se tece uma reflexão? Narrativas e argumentações no tear da interação**. Tese de Doutorado – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

PIOVESAN, A. ; BORGES, F T . A construção da identidade docente na educação a distância a partir do uso de tecnologias para a criação de vídeos. **Interfaces científicas - Educação**, v. 1, p. 21-32, 2012.

PSATHAS, George. **Conversation Analysis**: The study of talk-in-interaction. Thousand Oaks: Sage Publications, 1995.

REIS, B. M. **Sobreposições**: (Re)construindo o Presente através do Passado na busca por Autoconhecimento Profissional. Monografia de conclusão de curso. Departamento de Letras, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, PUC-Rio, Rio de Janeiro. Trabalho não publicado^A.

REIS, B. M. **Em direção à Pesquisa Educacional com Base nas Artes**: uma reflexão pessoal. Monografia de conclusão de curso. Departamento de Letras, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, PUC-Rio, Rio de Janeiro. Trabalho não publicado^B.

REIS, B. M. **A qualidade (de vida) na pesquisa**: uma viagem à Prática Exploratória. Monografia de conclusão de curso. Departamento de Letras, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, PUC-Rio, Rio de Janeiro. Trabalho não publicado^C.

RICHARDS, K. **The Nature of Qualitative Inquiry**. In: Qualitative Inquiry in TESOL. Nova York: Palgrave, 2003. p. 1-46

RICHERT, A. The Content Of Student Teachers' Reflections Within Different Structures For Facilitating The Reflective Process. In: Russel, T. E Munby, H. (Eds.). **Teachers And Teaching: From Classroom To Reflection**. London: The Falmer Press, 1992, p 171-191.

RIESSMAN, C. K. **Narrative Analysis**. Newbury Park, Sage, 1993.

SAYE, N. **More than “once upon a time”**: Fiction as a bridge to knowing. Unpublished doctoral publication, Georgia Southern University, 2002.

SNOW, David. **Collective identity and expressive forms**. University of California, 2001. Paper 01'07. Disponível em <<http://repositories.cdlib.org/csd/01-07>>. Acessado em 07 de novembro de 2011.

TANNEN, D. Appendix II. Transcription conventions. In: _____. **Talking voices**. Repetition, dialogue, and imagery in conversational discourse. Cambridge, Cambridge University Press. 1989, p. 202-203.

TAJFEL, H. (Ed.) (1978). **Differentiation Between Social Groups**: Studies in the Social Psychology of Intergroup Relations. London: Academic Press, 1978.

TELLES, J.A. Lying under the mango tree: autobiography, teacher knowledge, and awareness of self, language and pedagogy. **The ESpecialist**, vol 19, 2, 1998.

TELLES, J. A. Pesquisa educacional com base nas artes: Pensando a educação dos professores como experiência estética. In: **Educação e Pesquisa** (USP), v. 32, 2006, p. 509-530

TELLES, J. A. É pesquisa é? Ah, não quero, não, bem! Sobre pesquisa acadêmica e sua relação com a prática do professor de línguas. In: **Linguagem e ensino**,

Pelotas, v. 5, n. 5, 2002, p. 91-116. Disponível em: <http://rle.ucpel.tche.br/php/edicoes/v5n2/f_joao.pdf>. Acesso em: 25 junho 2011.

THOITS, Peggy; VIRSHUP, Lauren K. Me's and We's. Forms and functions of social identities. In: **Richard Ashmore & Lee Jussim (ed) Self and Identity: fundamental issues**. New York: Oxford university Press, 1997.

WEST, C.; ZIMMERMAN, Don H. Pequenos insultos: estudo sobre interrupções em conversas entre pessoas desconhecidas e de diferentes sexos. In: OSTERMAN, Ana Cristina e FONTANA, Beatriz (orgs.). **Linguagem, gênero, sexualidade**:. Clássicos traduzidos. São Paulo, Parábola, 2010.

WENGER, E. **Communities of practice: a brief introduction**, 2006. Disponível em: <<http://www.ewenger.com/theory/>> Acesso em: 10 de julho de 2013.

WENGER, E. Communities of practice and social learning systems. In: **Organization**, vol. 7, no. 2, 2000, p. 225-246

9. Anexos

ANEXO I

1.

Trechos da Conversa Reflexiva

As linhas sem numeração (destacadas em azul) não foram selecionadas para a análise.

1.1

Conversa Reflexiva, parte 1

O Momento a seguir encontra-se na seção 5.1 do capítulo de análise. Trata-se do início da conversa reflexiva.

Momento Um – Aqui e lá: identidades em conflito

Bruno	01	mas olha só. queria começar. com vocês falando.
Giselle	02	°juliana vai começar°
Bruno	03	não eu queria começar falando das impressões gerais sobre o filme. o
	04	que vocês acharam. ninguém tinha visto esse filme. você tinha visto
	05	afinal de contas?
Giselle	06	((risos)) não. eu já tinha lido sobre o filme com certeza e alguém me falou
	07	também. mas eu acho que tive a impressão de que eu vi aquela primeira
	08	parte. não sei hhh.
Bruno	09	você. não viu.
Juliana	10	não. foi a primeira vez.
Bruno	11	fala aí que que vocês [acharam]
Juliana	12	[e eu tive] a impressão de que ele ia se demitir no
	13	final do filme.
Bruno	14	eu achei que ele fosse ser expulso no final do filme.
Juliana	15	não:
Giselle	16	[eu também que ele fosse ser expulso]
Juliana	17	[eu achei fosse se demitir]
Bruno	18	°sei°
Juliana	19	eu achei que ele fosse ver que não valia a pena. e desistir.
Giselle	20	não:
Juliana	21	igual àquele professor que entrou no meio todo revoltado todo
Bruno	22	e ele não saiu também.
Juliana	23	não.
Giselle	24	nã:o.
Bruno	25	nem esse saiu.
Giselle	26	foi só uma coisa de momento.
Bruno	27	é. revolta de momento. ninguém sai, né. igual lá na escola ninguém sai
	28	cara.
Juliana	29	por que ninguém sai?
Bruno	30	porque tem que ganhar dinheiro.
Juliana	31	dá pra ganhar dinheiro de outro jeito.
Bruno	32	ah não mas é sempre aquela coisa
Giselle	33	aqui não dá não mas lá dá hhh.

1.2

Conversa Reflexiva, parte 2

O Momento a seguir encontra-se na seção 5.2 do capítulo de análise. Aqui, discutem-se questões relativas ao controle emocional do professor e são percebidos os primeiros processos de construções identitárias desse profissional na conversa.

Momento Dois – O professor como profissional emocionalmente estável

Juliana	34 35 36	então, eu acho que até aquele meio, até o bafafá todo o problema era só étnico. depois que teve aqui não, aí eu achei que ficou uma coisa mais pra nossa realidade. [aquele]
Bruno	37	[então você acha que]
Giselle	38	[depois que ele] xingou o aluno, a aluna?
Juliana	39 40 41	é, é. essa coisa de até onde o professor vai. até onde começa o direito do aluno, até onde vai o dever do professor. acho que até que ponto o professor pode se deixar levar pelo calor da, da sala.
Giselle	42 43	aquilo eu acho que é uma questão mais universal, né. sei lá, não seria uma particularidade assim de, da França.
Bruno	44	[é, isso]
Giselle	45 46 47	[essa questão de] até onde vai o direito do professor e até onde vai o direito do aluno, sabe. isso é mais universal. agora, a questão étnica já é mais específica.
Bruno	48 49 50	é, porque eu acho que... o grau de, o grau de tolerância dele, o limite de tolerância dele é bem menor que o nosso, né, porque eu não, eu acho que eu não perderia o controle na [situação dele].
Giselle	51 52	[também, né, olha] a situação dele e olha a nossa situação.
Bruno	53	justamente. eu não perderia o controle naquela situação.
Juliana	54	naquela situação toda do bafafá?
Bruno	55	não, ele xingou a menina de vagabunda antes, né.
Juliana	56	pois é, mas o problema
Bruno	57	foi depois que ele
Juliana	58	não, pois é mas o problema
Bruno	59	eu não xingaria: eu não perderia o controle a ponto de falar uma besteira.
Juliana	60 61 62 63 64	aí é que tá, entendeu. aí é que eu acho que você se engana. porque eu acho que é muito fácil a gente olhar não estando lá no momento. agora principalmente dando aula eu sei como é fácil você deixar aquela situação te levar. e naquele momento você falar ou fazer coisas que depois você fica “caramba, eu devia ter feito de outro jeito, eu devia:
Giselle	65	é verdade
Bruno	66	como assim?
Juliana	67 68	não, porque na hora você faz ou fala por exemplo [na hora que ele falou, ele]
Giselle	69 70	[você fica de cabeça quente]
Juliana	71 72	ele tava falando vagabunda mas no sentido de, de, de: eu acho não de xingar ela, NE
Bruno	73	nem sei, eu acho que ele queria sim, cara

1.3

Conversa Reflexiva, parte 3

O Momento a seguir encontra-se na seção 5.3 do capítulo de análise. Aqui, como se observa na análise, ocorrem novas projeções da identidade do professor. Além disso, os professores tentam, na interação, defender suas identidades pessoais.

Momento Três – O professor como mediador de conflitos

Bruno	74	é. e eu acho que uma coisa muito diferente também, agora que me
	75	ocorreu isso, eu tava pensando na relação lá cá, né da realidade do
	76	filme e nossa realidade eu acho que se fosse aqui nossa realidade, nós
	77	aqui a gente teria muito mais problemas do que ele teve por ter xingado
	78	um aluno. eu acho que a gente teria muito mais problemas [] não teve
	79	problema nenhum, ficou ok o aluno foi expulso e não aconteceu nada
	80	com ele (0,5) no final das contas. ele ficou com medo mas nada
	81	aconteceu com ele no final das contas.
Giselle	82	[cê acha que aqui a gente teria mais problema?]
Juliana	83	[e eles se xingaram em sala também] eles se xingaram muito em sala e
	84	ele não fazia nada aqui essa coisa de “fulano me xingou” “fulano me..” e
	85	o professor não fez nada, o professor não tomou uma atitude pra
	86	separar ou botou um ou outro de castigo também daria muito mais
	87	trabalho aqui (0,5) do que deu pra ele
Bruno	88	mas por quê?
Juliana	89	simplesmente ele teve uma parte que o aluno mandou a menina tomar
	90	no cu, mandou o dedo pra ela e ele simplesmente ()
Bruno	91	ah, eu não reparei isso. você falou, mas eu não reparei.
Giselle	92	os meus alunos fazem isso o tempo todo
Bruno	93	((risos))
Giselle	94	fazem.
Juliana	95	entre eles?
Giselle	96	falam coisas piores, sabe. eu chamo atenção mas também não paro a
	97	minha aula o tempo inteiro pra ficar chamando atenção, não.
Bruno	98	meus alunos eu não tenho escolha porque:
Juliana	99	então, mas você pá:ra chama atenção
Giselle		eu to falando dos alunos do segundo segmento, claro. do primeiro não
		fazem isso.
Bruno		meus alunos do primeiro segmento fazem isso.
Giselle		[se fizerem] também eu
Bruno		meus alunos do primeiro ano fazem isso.
Juliana		o quê?
Bruno		xingam um ao outro, é.
Giselle		não, eles até xingam, mas não ‘ah, vai tomar no cu’. não. assim não.
		ma:s
Juliana		então, xingam como?
Giselle		‘ah, sua mãe, num sei o quê’, sabe. ‘sua mãe é puta, num sei quê’,
		sabe. mas não ‘vai tomar no cu’

Bruno		ah, chamar a mãe de puta é ok, néhh
Giselle		é, néhh mas quando xingam assim essas coisas, mesmo quando fazem uma coisa mais leve eu mando pedir desculpas, mando sair de sala. agora, no segundo segmento eles fazem isso o tempo todo e eu () ah, não vou ficar me estressando, não. eu não sou babá dele, sabe. ah, sei lá.
Bruno	100 101 102 103	é, eu acho que eu já entendi, cara, que minha influencia ali tem que ser até certo ponto. se eu quiser que tudo vá do jeito que eu quero eu não vou conseguir, não vou conseguir, eu vou passar a aula inteira tentando fazer com que a coisa vá do jeito que eu quero
Giselle	104	eu acho que quando é uma coisa muito séria:
Bruno	105	eu finjo que não escuto muita coisa
Giselle	106	é, eu também, sabe. entra por aqui e sai por aqui.
Bruno	107 108 109	porque às vezes eu tenho uma turma: um monte de gente tá interessada, um monte de gente tá participa:ndo um aluno faz uma besteira ali, se eu for parar pra brigar com o aluno eu perco a turma toda
Giselle	110	e assim, mesmo [quando]
Juliana	111 112	[()] questão de briga mesmo porque, na minha turma um aluno [falou que ele viu não sei quem]
Giselle	113	[ah, não, briga de sair na porrada: não]
Juliana	114 115 116 117	pelado. mas o menino ficou transtornado. eu tive que segurar ele na parede e ele ficava respirando fundo falando que ia “eu vou meter a: “eu vou enfiar a mão nele”, que não sei o quê. a menina, foi uma menina que falou assim, até ele se acalmar
Bruno	118	perai. como é que é? como é que é? como é que é?
Juliana	119	uma menina falou que um menino pode falar o nome do menino?
Bruno	120	pode, depois a gente tira
Juliana	121 122 123	não me lembro o nome dele, enfim.. que ele viu o menino pelado. e aí eu só vejo ele saindo da cadeira dele e voando na menina eu segurei ele, coloquei ele num cantinho
Bruno	124	ainda não entendi, um menino..
Juliana	125 126	a menina falou que viu o menino, fernando falou que o fernando viu o menino pelado
Bruno	127	ah, tá, fofoca
Juliana	128 129 130 131	fofoca. conTOu e aí ele voou em cima dela pra defender a honra dele e aii eu segurei ele, tive que ficar ((ofegante)) “eu vou enfiar a mão nele” e ele respirava assim ele, ele tava com muita raiva muita raiva. se eu não interferisse naquele [momento]
Bruno	132	[não, claro, né] não a
Juliana	133 134	ia virar uma briga isso que eu falo, esse tipo de ofensa, se eu não interferir vira agressão física

1.4

Conversa Reflexiva, parte 4

O Momento a seguir encontra-se na seção 5.4 do capítulo de análise. Nesta parte da interação, surgem noções de coletividade como forma de justificar atitudes, possíveis destemperos.

Momento Quatro – A identidade coletiva do professor

Bruno	135 136	uma coisa que eu até lembrei ali é que ele não grita, né. ele não gritou ele não gritou
Giselle	137	não, o máximo que ele faz é elevar a voz um pouquinho.
Juliana	138	vocês batem o apagador pra pedir silêncio?
Giselle	139	não adianta
Juliana	140 141	pois é. sabe o que que aconteceu? a professora do colégio onde eu dou aula foi bater com a vassoura na mesa pra pedir silêncio
Bruno	142	que louca::
Juliana	143	advinha quem se meteu embaixo da vassoura.
Giselle	144	<um aluno>
Juliana	145	um aluno
Bruno	146	e aí?
Juliana	147 148	ah e aí foram foi pro livro de ocorrências da escola que um aluno entrou embaixo da vassoura.
Giselle	149	mas por que ele se enfiou embaixo da vassoura?
Bruno	150	por que que ela foi bater com a vassoura?
Giselle	151	cara, mas a gente fica maluco, cara.
Juliana	152 153	é isso que eu to falando, a gente fica maluco, a gente afeta, nós não somos máquinas. afeta.

1.5

Conversa Reflexiva, parte 5

O Momento a seguir encontra-se na seção 5.5 do capítulo de análise. Aqui, são percebidas projeções da identidade pessoal a partir da projeção da identidade dos outros.

Momento Cinco – Sobre os outros e nós mesmos

Bruno	154 154	outra coisa que eu queria falar, eles se interessam pela matéria, eu achei legal
Juliana	155	a::h é
Bruno	156 157 158 159 160 161	pois é. eles criam polêmica em cima do assunto, né. meus alunos- eu consegui isso aconteceu em uma turma minha que era bem era legal uma turma muito boa só que eles são muito agitados eu reparei isso é:: como eles criam esse alvoroço em cima de às vezes é o assunto da aula mesmo, é o assunto que você introduz. tava falando sobre: é: civilidade, né educação na rua, toda essa questão
Juliana	162	((risos))
Bruno	163 164 165 166 167	é, eu tava nessa lição. e aí ficou legal porque eles começaram a discutir tipo: jogar lixo na eu “eu jogo,” eu não jogo” ajudar a senhora a atravessar ou não: atravessar no sinal ou não, limpar o coco do cachorro e tal mas aí ficou uma co- foi bom porque a gente todo mundo participou da aula, foi legal (0.5) mas aí ficou só nisso, né ficaram lá

	168	colocando [os pontos deles]
Juliana	169 170	[eu acho que] no caso dele seria legal faze:r é: contra e a favor [()]
Bruno	171	[dele quem?]
Juliana	172 173 174	porque a gente trabalha com o primeiro segmento, não dá pra gente fazer isso, mas no no, como eles se interessam pelo assunto porque todos eles têm opiniões muito fortes
Bruno	175	Ahã
Juliana	176 177	pegar um tema assim polêmico e trabalhar “você vai ter que defender”, “você vai ter que: atacar”
Bruno	178	hã
Juliana	179	fazer um debate
Bruno	180 181 182	ah, é verdade. ter que a analisar, né, o: ele fez isso no final, aquela hora do: eu na entendi o que foi que ele tava fazendo naquela hora, na verdade eu tava fui lá e [voltei].
Giselle	183 184	[com] vinte alunos na sala de aula é bem legal, com cinquenta e três

1.6

Conversa Reflexiva, parte 6

O Momento a seguir encontra-se na seção 5.6 do capítulo de análise. Discute-se, aqui, a identidade do “professor da sala de professores”.

Momento Seis – Concessões

Juliana	185 186	é, sala dos professores às vezes dá um desânimo, né. só professor falando mal e... [uma tristeza.]
Giselle	187 188 189	[ah, eu juro que] quando eu entro nessa sala dos professores dessa outra escola que eu detesto eu fico pensando “gente, será que eu vou terminar assim igual a eles?”
Juliana	190	(risos)
Giselle	191 192	sério, eu entro em pânico, assim, porque eles são todos frustrados. todos frustrados, sabe, falando mal de tudo.
Juliana		mas quando eu entrei eu falei ‘eu não vou bater com o apagador no quadro’ e eu já bati.
Giselle		ah, não, isso aí eu já sabia que eu ia fazer.
Juliana		‘eu não vou gritar’ e eu já to gritando.
Giselle		mas até que eu não grito... gente, é isso que eu acho incrível, eu não grito tanto com as crianças quanto eu grito com os adolescentes. e é isso que me deixa (1.0) possessa. que criança a gente sabe comé que é, né. agora, pô, adolescente, ter que ficar de babá.
Bruno		eu achei legal também aquela hora que o cara.. teve uma... acho que foi a cena mais legal, assim. um professor sai de sala e entra na sala dos professores meio assim transtornado, falando que não quer mais dar aula pra aquela turma, não sei o quê, tal. não sei, acho que é muito por aí, né, tem hora que você sai, sai meio...
Bruno	193 194 195 196	outra coisa que você falou também, a sala dos professores. isso acontece mesmo. principalmente em uma das escolas em que eu dou aula é muito assim, todo mundo frustra:do, tem gente que não gosta. aí eu fico pensando “gente, vai fazer outra coisa:, sei lá, vai vender

	197 198 199 200	cachorro quente, vai fazer outra coisa pra ser feliz, sabe. a pessoa não gosta do que tá fazendo. eu entendo você perder o controle, você às vezes ficar desanimado, mas tem gente que não tá... não tem o menor jeito pra coisa. não tem a menor vontade de fazer aquilo.
--	--------------------------	--

1.7

Conversa Reflexiva, parte 7

O Momento a seguir encontra-se na seção 5.7 do capítulo de análise. Já aqui ficam mais claras as características que os professores da interação buscam atribuir à sua identidade.

Momento Sete – A identidade do professor (que gostaríamos de ser)

Bruno	201 202 203	agora que você falou da direção. parece que ali tem uma estrutura é um grupo mesmo, né. os professores se defendem a coordenação tá com os professores o diretor tá com os professores
Juliana	204	é uma equipe.
Bruno	205 206 207	é uma equipe, exatamente. é a palavra que tava me escapando. é uma equipe de verdade. pro malhh ou pro bemhh, né [eles se defendem tanto é]
Giselle	208 209 210 211 212 213 214	[ah, eu gostei muito também] ((engolindo)) não sei se vocês prestaram atenção bem no início do filme que o professor de história chega pro professor de francês e pergunta que livro ele vai indicar pros alunos lerem tal aí fala sobre qual conteúdo de história que o professor passasse de repente livros de literatura que tivessem a ver com o conteúdo de história. achei isso interessante.
Bruno	215	ah, é conversa.
Giselle	216	é. [bem legal]
Bruno	217 218	[é tem tem tem diálogo] não tem. isso eu acho que não tem aqui nas escolas do município
Giselle	219	você acha? eu tenho certeza.
Juliana	220	ah, eu vou fazer apresentação na feira cultural do colégio.
Giselle	221	ah, gente tem essa feira. não sei o que vou fazer com eles.
Bruno	222 223 224	não mas não é isso que eu to falando, eu to falando da equipe mesmo, sabe. a direção tá apoiando o professor que tá sendo apoiado o professor de inglês tá [sendo apoiado]
Bruno	222 223 224	não mas não é isso que eu to falando, eu to falando da equipe mesmo, sabe. a direção tá apoiando o professor que tá sendo apoiado o professor de inglês tá [sendo apoiado]
Giselle	225 226	[é aquela uma famosa] professora diz é um sistema de ensinohh
Bruno	227	tem que ser. mas quem é essa pessoa?
Giselle	228	thereza.
Bruno	229 230	ai:h verdade. mas tem que ter porque se você for brigar se você for colocar um aluno de castigo você tem que ter o apoio do outro professor

	231	lá [de turma]
Juliana	232	[claro]
Bruno	233	só que tem professor de turma que não tá nem aí pra você.
Juliana	234 235 236	tem professor de turma que não tá tem professor de turma que caga na sua cabeça que não quer ter problema e despacha, né é um tempinho vago ali pra ele.
Giselle	237 238	não, com relação a isso eu não tenho problemas não. os professores participam bastante.
Bruno	239	porque se não for assim não tem como.
Juliana	240 241 242 243	num dos colégios é impressionante eu me sinto completamente em casa assim a vontade pra pedir, pra falar pra perguntar pra pedir opiniã:o agora no outro ↑nossa senhora↑ eu nem entro o professor já tá na porta sai:ndo
Bruno	244 245 246	UHUM UHUM UHUM é mal o tempo de um bom dia tem professor que já tá na porta de mochilinha já esperando. quando eu dou aula no último tempo o professor já vai embora.

1.8

Conversa Reflexiva, parte 8

O Momento a seguir encontra-se na seção 5.8 do capítulo de análise. Nesta parte, há um interessante embate que repercute em questões identitárias dos participantes.

Momento Oito – A indisciplina

Juliana	247 248 249	eu não quero que seja um prêmio isso pra ele, não assistir minha aula. “ah, vou ficar de zoação pra não ter que ficar [na sala.]
Bruno	250	[é verdade].
	251	(1.0)
Bruno	252 253 254	e isso é horrível né. acontece até com a gente mesmo. eu fico mal quando sinto que o aluno não tá a fim sabe. quando ele fica feliz por ter saído. >por isso eu não tiro<.
	255	((fala simultânea incompreensível))
Giselle	256	[°cara, eu não°]
Juliana	257 258 259 260 261 262 263	[e é engraçado] no quarto ano dessa escola que eu gosto... a professora, ela é muito severa, a professora da manhã, ela é muito muito muito severa. e ela estimula muito que eles façam sempre o melhor, que eles busquem sempre aprimora:r. e na aula de inglês eu tenho que mandar eles levantarem a mão porque todo mundo quer falar ao mesmo tempo, todo mundo quer participar, todo mundo quer ir lá [na frente].
Giselle	264 265	[as minhas] turmas de lá são assim.
Juliana	266 267	o quarto ano da tarde, a professora fala comigo como se os alunos dela nunca fossem aprender.
Bruno	268	UHUM.

Juliana	269 270 271 272	assim “ah, eles falando inGLÊS num sei quê.” e <u>eles</u> quase não querem participar. os meninos até participam, mas as meninas nu:nca querem participar aí eu fico pensando será que isso é influência do professor na turma ou da turma no professo:r?
Bruno	273 274 275 276 277 278 279 280	ah, uma professora minha > do quarto ano também< ela: dentro de sala. eles ignoram, eu acho engraçado que eles ignoram os. como se- os alunos não tão ouvindo, eles não são ouvintes, não são seres ouvintes, não conseguem processar informações. porque (.) os alunos na sa:la e ela falando como se os alunos não estivessem ali. assim na- a gente tava na frente da turma eu tava entrando, ela tava sai:ndo ela “ah, bruno, não falam nem português, né, como é que vai falar inglês?” assim ê.
Juliana	281	na frente deles?
Bruno	282	na frente dos alunos.
Giselle	283	[que estímulohh]
Juliana	284	[não, a professora] disfarçava.
Bruno	285	não, na frente dos alunos.
	286	(2.0)
Giselle	287	gente, então eu acho que eu tô no paraíso, a [escola-]
Bruno	288 289 290 291 292 293	[e a impressão] que eu (.) e a impressão que eu tenho é que eles realmente não (.) a impressão que eu tenho é que eles realmente ignoram isso. eles não- não afeta eles, sabe. eles não reivindicam “como assi:m? tá me chamando de burro?” e tal. °nada°
Giselle	294	ah, mas eles não: não têm essa:
Bruno	295	ah, pô, ela foi clara, né. que isso? como assim?
Giselle	296 297 298	ah, não. cara, na escola, nessa escola que eu trabalho com as crianças eu tenho autoridade total, os professores me dão autoridade, os professores me dão:o
Bruno	299	NÃO.
Giselle	300 301	eles mesmos falam, sabe. e eu acho legal a postura deles “poxa, aula de inglês, é muito importante.”
Juliana	302	é:.
Giselle	303 304 305 306 307 308 309 310	acho até que eles conversam com a turma sobre isso porque eles são muito interessados, eles participam muito, assim, dá até briga. eu fico até com medo de levar determinadas atividades (.) porque eu sei que vai dar hh confusão. porque todo mundo quer participar e aí fica aquela coisa “a:::h” todo mundo falando ao mesmo tempo. e aí você perde muito tempo com isso. eles são muito participativos, muito.
	311	(0.5)
Juliana	312 313 314 315 316 317 318	meus alunos do terceiro ano quando ganharam o livro, porque eles só ganharam o livro agora na segunda metade agora >porque não tinha o livro pra eles< caraca, foi uma alegria, uma felicidade “passa trabalho pra casa, passa trabalho pra casa” querendo fazer, querendo () “vamos fazer quais pá:ginas?”, maior ansiedade. no outro colégio o garoto pegou a tesoura e rasgou.
Bruno	319	que isso::u? e aí?
Juliana	320 321	cortou. e aí eu mandei uma advertência pra casa que eu nunca mais vi.
Giselle		se um aluno faz se um aluno faz isso na minha aula eu surto cara ()
Juliana		e a profeSSORA
Bruno		(risos)
Juliana		e a professora pô dois nem pra falar assim “traz a advertência pra

		amanhã” não é “traz a advertência na outra segunda porque: a professora de inglês tá aqui na outra segunda” quer dizer “isso você tem que resolver com a professora de inglês”. no outro colégio também, no colégio que é bom que tem a professora que tem atitude de pe: um (.) seis alunos, sete alunos tavam sem material porque eles tão sempre sem material. aí eu: falo: é: mandei advertência pros <u>seis</u> da última vez melhorou à beça () que ficaram sem livro porque eu não tenho armário pros livros deles, os livros deles têm que ir pra casa que não tem espaço no armário pros livros (1.0) aí eu falei com a professora, aí a professora “manda advertência pra sexta-feira que vem” eles não lembram de levar o livro, vão lembrar de levar advertência nada aí eu mandei pra casa, tomara que [()]
Giselle		[(tossindo)]
Giselle		se um aluno faz se um aluno faz isso na minha aula eu surto cara ()
Bruno	322	a parceria, a parceria acontece entre o professo:r=
Juliana	323	[()]
Bruno	324 325 326 327 328	=entre o pê 2 e eu ma::s eu sinto esse desrespeito dos professores com os alunos, isso me incomoda. piadinhas, sabe piada, super legal pia:da falar que o aluno é bu:rro,sabe? eles acham mó legal. falar que o aluno não vai aprender que não consegue nem falar português não vão aprender inglês
Giselle	329	nã:o, na escola...
Juliana	330	() medo, [né]
Bruno	331 332	[aí] cara eu chego a acreditar que eles são incompetentes porque eles tão aprendendo inglês, sabe. até [essa]
Juliana	333	[(risos)]
Giselle	334	[(risos)]
Bruno	335 336 337	porque essa professora que falou isso, é o melhor quarto ano que eu tenho, eu tenho (2.0) eu tenho três turmas de quar- três ou quatro? três turmas de quarto ano e essa [turma] =
Juliana	338	cê tá com dupla, né?
Bruno	339 340 341	=é. essa turma é a melhor que eu tenho (.) e é e é essa professora que fala isso deles, eu não entendo. >eu a- ela não tá fazendo o trabalho dela então, né,< só posso crer isso.

ANEXO II

2. Decisões em grupo: troca de e-mails

2.1 De Bruno para “meninas”

E-mail que, no dia 2 de novembro de 2011, envio às "meninas" solicitando que decidíssemos juntos sobre as próximas etapas.

Meninas,

Primeiro eu queria agradecer, dizer que nosso encontro foi lindo e talz. Eu tava super apreensivo de nao dar certo, de ficarmos travados, mas foi tudo lindo e ótimo. Tô muito feliz de verdade. Mas, como eu disse, nao quero fzr esse trabalho sozinho, já que voces deram uma contribuição tao forte. Não me sinto bem decidindo sozinho o próximo passo.

Bom, eu ainda nao escutei o audio, só vi a qualidade e só. Antes de escutar quero ver o que vocês preferem como um próximo passo. Abaixo dou algumas opções:

- 1) Escrever um texto por email relatando as impressões sobre o encontro SEM OUVIR o áudio;*
- 2) OUVIR e depois escrever o texto por email com as impressões*;*
- 3) ouvir, pensar e falar numa próxima reunião*;*
- 4) ouvir e escrever email sobre momentos específicos (e não impressoes mais gerais como nas opções acima)*;*
- 5) ouvirmos juntos e gravarmos nossa conversa sobre as impressoes.*

**nesses casos eu envio o audio por email pra vcs.*

Cada uma escolhe o que quiser. "No pressure over capuccino". =P

Beijos e obrigadíssimo!

2.2 De Giselle para Bruno e Juliana

Resposta de Giselle. E-mail enviado no dia 13 de novembro de 2011.

Oi Bruno,

Desculpe a demora em responder, mas é que quase não tenho entrado no email esses dias. Então, já que fizemos a primeira etapa juntosd, acho que a segunda deveria ser da mesma forma. podemos ouvir o audio juntos e gravar a nossa conversa sobre as impressões. acho que assim é mais fácil, podemos de repente refletir sobre o que dissemos, corrigir alguma coisa, e também refletir sobre o que o outro disse. Fora que em grupo a atividade flui melhor, vc não acha?

Bom, se optarem por um segundo encontro é só falar que eu estarei disponível. Minha agenda sempre tem espaço pra vcs! ;)

bjão!

2.3

De Juliana para Bruno e Giselle

Resposta de Juliana. E-mail enviado no dia 21 de novembro de 2011.

Não sei bem o que vc quer com essas impressões....vc quer q analisemos as atividades q fizemos, ou nossas opiniões??enfim de qualquer forma tb acho q seria legal fazermos juntos, podemos nos encontrar pra falar/gravar essas impressões

bjó

ANEXO III

3. Trechos do segundo encontro

O trecho selecionado se inicia logo que pergunto a Giselle a respeito de possíveis desdobramentos de nossa conversa reflexiva para a sua prática docente.

Giselle	01 02 03 04 05	claro que influencia essa troca de experiência com professores. vê como é que o outro lida com. qual a forma que o outro lida com uma questão, sabe, com uma mesma questão. de repente o outro tem o mesmo problema que você: e ele, sei lá contorna de uma forma diferente. eu acho que ajuda muito. influencia muito.
Bruno	06 07 08 09	e: você se escutando. você acha que é diferente do que você se imagina? você escutando como você fala sobre a sua prática. é diferente de como você imagina de como seja a sua prática? °entende o que eu quero dizer?°
	10	(2.0)
Bruno	11 12	assim, quando você se escuta você se estranha ou você se reconhece? “é isso aí mesmo. ah já sabia que era assim” ?
Giselle	13 14 15 16 17	olha, como eu falei: eu acho que agora eu to:: bem um pouco diferente já daquela: (0,5) da entrevista anterior ne. foi assim que eu tinha entrado, tal. eu imaginei que eu fosse ser, que eu fosse fala:r ter esse comportamento mesmo. eu imaginei. mas agora, sei lá eu me vejo de uma forma diferente daquilo.
Bruno	18 19 20 21 22 23 24 25 26	eu to perguntando isso porque eu me escutando... não sei se é porque foi daquela vez, naquela época... °não sei se hoje eu falaria diferente° eu tenho impressão que eu dou muita ênfase em questões da minha prática que eu não achava que eu daria numa conversa como essa. que dizer, falar muito de: problemas do: do aluno, em vez de falar mais assim, do “ah, eu resolvo assim dessa forma mais agressi:va e tal” eu achei estranho isso. eu não esperava que eu fosse, que eu falando da minha prática fosse privilegiar o lado negativo tanto quanto eu privilegiei naquele- enfatizar, na verdade, como eu enfatizei naquela conversa.
Giselle	27	todos nós, né, enfatizamos o lado negativo.
Bruno	28	pois é. e você, se reconheceu ou em algum momento você se estranhou?
Juliana	29	não, eu me reconheço. estranho a minha voz
Bruno	30	((risos))
Giselle	31	((risos))
Juliana	32 33 34 35 36 37 38	eu me reconheço porque: acho que () as mesmas questões de imposição de discipli:na de responsabilida:de de domínio de turma são essas questões porque eu acho que. a aula em si flui de uma maneira boa. a parte da metodologi:a sempre tento buscar alguma coisa interessante pra leva:r () melhor do que poderia ou isso aqui foi legal, isso aqui não foi nessa turma, naquela não deu pra fazer. eu acho que as questões de DIDÁTICA EM SALA são boas, assim, tá sempre adequando..
Giselle	39	Uhum
Juliana	40 41 42 43	mas assim, controle de tu:rma é é é esperar o inesperado, né. quando você entra na sala você não sabe o que vai acontecer. você não sabe se o aluno vai, sei lá, cortar o próprio cabelo porque brigou com a mãe, como já aconteceu ou alguém [não vai estar de bom humor] ou alguém vai=
Giselle	44	[°ou vai tentar te matar°]
Juliana	45	=pois é. alguém vai.

Bruno	46 47	pois é eu acho que por a gente ter falado mais de disciplina a gente enfatizou mais o lado ruim.
Giselle	48 49 50 51 52 53	eu acho que a grande diferença, pelo menos na minha fala. da primeira entrevista pra agora é que na primeira realmente foi só o lado negativo. eu acho que agora eu já vi mais o lado positivo, sabe. “não, a gente não tem só problemas. a gente também tem coisas boas, sabe” essa questão da gente levar valores para eles. isso é bom, é um lado positivo. a gente pode <u>ajudar</u> eles.
Juliana	54	mas o filme também inspirou na gente o lado negativo, né.
Bruno	55	é.
Giselle	56	é:: também.
Bruno	57	a competição de querer parecer pior que os outros
Giselle	58	Éhh
Bruno	59 60	então, eu acho muito que tem isso de querer parecer- mostrar que nossa situação é...
Giselle	61	é eu acho que tem-
Bruno	62 63	exatamente porque eu achei esse comportamento do professor do filme um pouco over, sabe. era uma turma boa aquela do filme.
Juliana	64	é:
Giselle	65	participavam. °eles eram inteligentes°
Bruno	66	é eu acho que eles queriam mostrar muito assim [“olha”]
Juliana	67 68	[eles] eram muito questionadores, assim.
Bruno	69	é.
Juliana	70 71	eles não deixavam a aula dele fluir porque eles ficavam perguntando. ele podia botar aquilo a favor dele.
Giselle	72	é.
Bruno	73 74 75 76 77 78 79	eu acho que a gente quis mostrar como a gente tem razão de agir de: reagir da forma como a gente reage em algumas situações e ele não. então a gente reage como ele só que em situações piores, né. eu acho que.. e outra coisa que eu queria perguntar a vocês é essa conversa que a gente teve da outra vez e o fato de a gente ter escutado essa conversa agora como ou se °isso tudo aque a gente tá conversando° reflete na sua prática? ou se também, se não também... tem gente que não, né. tem gente que.
Juliana	80 81 82 83 84 85 86 87 88 89 90 91 92 93	ah reflete porque a gente tá falando de disciplina, né, como ainda é uma questão... você: pensa, né. repensa (0.5) tudo. mas é o que eu tava falando também de o professor ter essas necessidade de falar, né, eu acho essa troca muito importante porque () você vê que “caramba olha essa situação foi muito pior que a minha ele resolveu de tal forma e que foi muito boa”. por exemplo, esse menino que eu tive esse problema. um outro dia ele tava: brincando com figurinha e o livro tava largado assim do lado. aí eu sabia que se eu chegasse brigando eu não ia conseguir nada porque eu já tinha aprendido da- pela outra vez só no castigo não conseguia resolver nada. aí eu falei caramba que moça bonita aquela que te trouxe hoje, quem é? “é minha irmã” com orgulho, sabe? “é, nossa, muito bonita ela!” “ela tem quinze anos. daqui a pouco eu vou ter <u>quinze</u> anos também.” “quantos anos você tem?” “dez”. quer dizer, era uma pessoa que ele admirava, né, tal. ele já foi guardando as figurinhas, aí eu saí de perto dele e ele falou “que página tá?”
Bruno	94	nossa!
	95	(2.0)
Juliana	96	então...
Bruno	97	conquistou ele pra aula, né

Juliana	98 99 100 101 102 103 104 105 106 107 108	é. pelo menos praquela aula, né. aí esse ano eu já ouvi no colégio que () mas ele faltou, né. isso foi no quarto ano. a professora até tentou passar ele de colégio, né. tipo a expulsão de colégio municipal, né. trocar ele de escola. pediu até pra eu escrever, pra eu redigir o que tinha acontecido. aí falei que ele tinha atrapalhado a aula, que ele se recusou a desce:r até porque quando eu saí de sala ele tava no banheiro, ele foi se esconder no banheiro masculino daquele andar. aí eu chamei a professora e tal, né. pra contar o que tinha acontecido. e aí ela subiu pra trancar a porta porque a sala fica com cadeado.e aí quando ela subiu ela tava já na porta do banheiro, mas ele bateu a porta °do banheiro mesmo meio que na cara dela porque ele é uma criança complicada°
Bruno	109	uhum
Juliana	110 111 112 113 114 115	e aí assim essas conversas são boas né porque por um lado você compartilha, né <curte compartilha> por outro lado você escuta, né aí você pensa “pô, que que eu posso fazer aqui, que que eu posso fazer lá? por mais que não sejam as mesmas situações a gente sempre se pega pensando “o que eu faria nessa situação?” aí <u>depois</u> acontece alguma situação. você já pensou porque você teve essa oportunidade antes.
Bruno	116 117 120 121 122 123 124 125	é eu também penso muito quando eu vou contar é: quando eu escuto uma história que- ou uma das ou uma das <u>minhas</u> histórias eu tava escutando as minhas histórias eu tava pensando se eu reagiria assim agora. e eu acho que não, né. >eu acho engraçado por isso. < como eu tinha reagido é: pô é não precisava ou então...hoje já ti- hoje tá acontecendo a mesma coisa depois disso e eu agi de uma outra forma muito mais certa do que aquela que eu tinha agido quando a gente- quando eu contei a história da primeira vez. é isso que eu acho interessante.

ANEXO IV

4. Declaração

4.1 Declaração de Giselle

DECLARAÇÃO

Eu, Giselle XXXX, declaro estar ciente de que Bruno de Matos Reis realizou gravações em áudio e transcrições de duas conversas de que participei nos anos de 2011 e 2012. Declaro ainda ter ciência do trabalho que Bruno tem realizado a partir dessas transcrições e autorizo seu uso parcial ou integral para esta pesquisa e/ou para trabalhos futuros.

Assinatura do pesquisador:

Assinatura de Giselle:

4.2**Declaração de Juliana****DECLARAÇÃO**

Eu, Juliana XXXX, declaro estar ciente de que Bruno de Matos Reis realizou gravações em áudio e transcrições de duas conversas de que participei nos anos de 2011 e 2012. Declaro ainda ter ciência do trabalho que Bruno tem realizado a partir dessas transcrições e autorizo seu uso parcial ou integral para esta pesquisa e/ou para trabalhos futuros.

Assinatura do pesquisador:

Assinatura de Juliana:
